

Assinaturas para o Brasil
 ANNO 10\$000
 SEMESTRE 6\$000

Assinaturas para o exterior
 ANNO 15\$000
 SEMESTRE 8\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

FUNDADOR: BENJAMIM MOTA

Lanterna

FOLHA ANTICLERICAL DE COMBATE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 Largo da Sé, 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Numero do dia 190 rs.

Aparece aos sabbados

A Escola Moderna em S. Paulo

Pelo que abaixo se vai ler podemos desde já garantir que o ensino livre, racional, alheio às injunções do clero mentiroso, vai ser um facto, podendo assim a obra do grande Ferrer ser continuada em S. Paulo.

Esperamos que todos os livres pensadores, interessando-se vivamente por esta obra, não deixem de enviar donativos ao comité promotor da grandiosa idea.

O comité encarregado pelos representantes de varios centros liberais e associações economicas na assembleia que teve lugar na noite do dia 17 de novembro — para que expuzesse ao publico o programma da Escola Moderna e para que angariasse os recursos necessarios para levar a cabo e com exito tão importante tentativa, inicia seus trabalhos de propaganda com a publicação do presente circular, explicando as bases fundamentais do ensino racionalista e suggerindo as modalidades pelas quaes todos aquelles que reconhecerem a importancia moral da renovação dos vigentes sistemas de pretendida educação, poderão prestar o seu concurso e offerecer o seu obolo para, custe o que custar, triumphar tão generosa iniciativa como a da fundação da Escola Moderna que parece destinada a continuar sendo o ludibrio dos sucessores do padre Anchieta, de sangüinaria memoria.

O comité, sciente das graves responsabilidades moraes e materiaes que lhe cabem e sciente das lutas e obstaculos que lhe levantarão os elementos retrogrados, não poupará esforços declarando-se a tudo prompto, mas reconhece que sem o auxilio e a solidariedade de todos os livres pensadores decididos e convictos, não poderá para breve alcançar o fim almejado.

Aconselhamos, portanto, todos os que querem coadjuvar-nos principalmente no interior do Estado, a constituir-se por sua vez sub-comités de propaganda, angariar donativos, promover festas, kermesses, conferencias a pagamento e pôr em circulação as listas de subscrição que serão por nós distribuidas aos amigos e companheiros.

O comité já dispõe do valioso offerecimento de um terreno que será sortido: temos fê que outras ofertas de valor serão postas á nossa disposição pelos sinceros admiradores da obra de Ferrer; de cada um segundo as suas posses e as suas convicções.

De todas as quantias arrecadadas será dada publica informação nos jornaes liberais ou em boletim publicado pelo comité. Todos os fundos serão depositados em Bancos e garantidos de qualquer desvio; assim, os matricias, casa, machinas, mobiliaria, livros e outros capitais adquiridos, serão collocados de modo apto a subtrahir-lhes as confiscações dos illegaes da legalidade.

O fim a alcançar traçado ao comité pela assembleia que o elegue pode ser comprehendido nos seguintes paragraphs:

1. — Instalação de uma casa editora de livros escolares e obras destinadas ao ensino e educação racionalista e que, conforme os casos, serão cedidas gratuitamente ou a preço reduzido.
2. — Aquisição de um predio para implantar na cidade de S. Paulo o nucleo modelo da Escola Moderna.
3. — Procurar professores idoneos para dirigir a dita Escola.
4. — Auxiliar aquellas que no interior do Estado poderão surgir baseadas sobre as normas do ensino racionalista, normas que passamos a estabelecer.

A Escola Moderna propõe-se libertar a criança do progressivo envenenamento moral que por

meio de um ensino baseado no mysticismo e na bajulação politica, lhe communica hoje a escola religiosa ou do governo — provocar junto com o desenvolvimento da intelligencia a formação do caracter, apoiando toda concepção moral sobre a lei de solidariedade; fazer do mestre um vulgarizador de verdades adquiridas e livra-las das pedras das congregações ou do Estado, para que sem males e sem restricções lhe seja possivel ensinar honestamente, não falseando a historia e não escondendo as descobertas scientificas.

O ensino racional baseado se sobre a razão e não curvando-se á fé, plasmará portanto individuos livres, capazes de escolher amanhã o proprio caminho na sociedade e individuos humanos, pois não se fará da escola o que hoje é, uma causa de rivalidade, uma fonte de idéas absurdas e de preconceitos rancorosos, aos quaes devemos grande parte das perturbações sociais e das violencias que assignalam a marcha evolutiva da humanidade.

Possivelmente o ensino será integral, exercitando o alumno progressivamente em todos os conhecimentos intellectuaes e physicos. Havendo recursos será tambem cultivado o ensino profissional.

Enfim, a Escola Moderna propõe-se fazer da criança um homem livre e completo, que sabe porque estuda, porque reflecte, porque analysa, porque faz a si mesmo uma consciencia propria e não um dos tantos bonecos laureados por repetirem como phonographos as verdades de Moysés e para se curvarem sem dignidade ao Discepolo Romano, pequenos nus adios e nos entusiasmos, crescendo e vivendo sem possuir uma concepção real da vida, inimigos de si mesmos e da humanidade.

Estas são as normas fundamentais que servirão de base á Escola Moderna e que por meio de conferencias e publicações avulsas serão vulgarizadas para que todos comprehendam o que queremos.

Por iniciativa do Grupo Pensamento e Acção se realizará uma festa em beneficio da Escola Moderna no dia 31 de dezembro vindouro com o drama «Giordano Bruno».

Os bilhetes familiares custam 2\$. Publicaremos no proximo numero o programma por inteiro.

Toda a correspondencia relativa á Escola Moderna deve ser enviada a Leão Aymoré, rua Gomes Cardim, 5, S. Paulo.

O pavor dos corvos

A Cidade de Campinas, o tal organ do massmarros do bispado da vischita cidade, cujos ossos o bispo manda lhe dar para que a infeliz arraste sua misera existencia, expondo suas chagas e mazellas, noticiando os preparativos para a fundação de uma Escola Moderna, assim conclue:

Não esperamos que em nossa alameda terra, não lográmos crescer a planta mal lita, que está florescendo na Hespanha encontros logares.

E o pavor dos corvos a se manifestar nessas linhas, porquanto o padre tem mais medo de uma escola neutra que o rato do gato.

Infelizmente para elles a tal planta mal lita tem de florescer, pois hoje só pregrede o que é malido; o que é abençoado, já se sabe, vai pela agua abaixo num instante.

Não é, porém, muito religiosa a linguagem da anemica e lazzarenta Cidade. Para um organ que vive das esmolas do bispo a linguagem devera se esta:

«Pedimos a Deus e á Santissima Virgem, e aos Santos Apostolos e a S. Benedicto que empenhem todos os meios nesse caso a fuzilção, como se faz em Montjuich para impedir etc., etc.»

Alas, o respeito humano?



As torpezas de um padre

1) Edwiges Gomes, de 14 annos de idade, ultima victima do padre Cyriaco, com a qual elle se casou civilmente; 2) Maria da Conceição; 3) Maria dos Anjos, dotada com um conto de réis pelo padre Cyriaco, seu offensor; 4) Eugénia Gomes; 5) Joanna Pacca e 6) Flavia Eudina dos Santos, tambem dotada com um conto de réis pelo famigerado padre que a deflorou. 7) o bandido padre Manuel Cyriaco de Oliveira, ex-vigario da Lapa, suspenso das ordens e excommungado por se ter casado civilmente com uma das victimas, e não pelos crimes que commetteu...

Publicamos hoje o retrato do celebre padre Manuel Cyriaco de Oliveira, vigario de Lage, no Estado da Bahia, e que no espaço de um anno e poucos mezes deflorou onze (11) moças, todas pertencentes á Irmandade Filhas de Maria. O proprio templo foi o local dos crimes. A ultima das victimas, menina de 13 annos, é hoje esposa do monstro, que foi excommungado só por se ter casado no civil. (O bispo da Bahia

achou que isto é que era crime; o resto nada era).

Para tal bispo, tal padre. O povo que reflecta se isto é ou não é o fructo do jesuitismo e de seus ensinamentos.

Depois os hypocritas clamam contra a immoralidade do secular, quando são elles, os guardas da moral (jesuita, notem bem) os primeiros a se revelarem depravados, corruptos, libidinosos e infames.

Estuprada e assassinada?

Uma menina desaparecida mysteriosamente do Orphanato Christovam Colombo — As infamias dos padres

Até hoje a policia e a justiça desta terra têm deixado em paz os responsáveis pelo desaparecimento da menina Idalina Stamat, que se achava recolhida ao Orphanato Christovam Colombo.

Reflexões pela impudência, á sombra de uma criminosa tolerancia, os delictuosos que se aboletam no dito orphanato, evicentemente, com o mais vivo despendor, têm tecido uma série de mentiras para explicar o mysterioso desaparecimento.

Ora, Idalina se encontra em Monte Alto em casa de um padre, e verificou-se que isto é mentira.

Ora, achase-se em uma fazenda em Arirama e o Alferes João de Oliveira a vai buscar e, com vinte soldadinhos, tem de fugir repellido pelos capangas. Tudo isso é farsa.

E, mais que farsa, é infamia.

Os padres do orphanato fazem desaparecer uma infeliz orphã e ainda elcheatam dos que exigem contas do delicto, zombam da justiça e tripudiam...

É necessario que seja esclarecido o facto; que o mysterio se desvende, pois é bem possivel que Idalina tenha sido estuprada e depois supprida para que seus algos continem a mostrar ao mundo, a face de historica unidade do santidade.

E para isso empenharemos todas as nossas energias.

Queremos saber o que ha de verdade do caso.

Nossa collega La Bataglia promove uma longa e energica campanha sobre o caso até agora sem resultado, infelizmente.

A collegia chegou a offerecer um conto de réis pelo depoimento de alguém que por acaso tivesse visto ou percebido qualquer coisa.

Mais o mysterio permanece, porque a justiça e a policia, não sendo impelidas pelos grandes rotativos, nada fazem, nada vêem, nada ouvem.

Continuaremos no proximo numero, publicando o retrato da infeliz Idalina.

Excursão de propaganda

Nos primeiros dias de dezembro partirá um dos nossos redactores em propaganda pelo interior e, ao mesmo tempo, encaregar-se-á de receber e angariar assignaturas.

Em todas as localidades que seja possivel elle fará conferencias anticlericales, e por isso esperamos que os nossos correligionarios o auxiliarão o mais possivel.

Da mesma forma esperamos que os nossos assignantes envidarão estorços no sentido de facilitar-lhe a tarefa, assegurando igualmente o futuro e a prosperidade da Lanterna.

Predilecta Hespanha

Desde que a igreja romana perdeu a tela da França, e que estas por não lhe dar mais dinheiro, deixaram de ser a primeira, a Hespanha é que occupa o primeiro lugar entre as filhas do papa. A Hespanha, é inutil dizer-lhe, official e argentaria, que o povo já se vai afastando do clericalismo.

E, afinal, o clero tem razão. Leiam esse trecho de Paul Louis, publicado na *Revue Politique et Littéraire*:

«O organismo que é pensado para um país pobre — mais de um bilhão de francos — é quasi inteiramente absorvido pela vida publica, pelo exercicio e marinha, e pela manutenção do clero regular e secular. Os cultos exigem 50 milhões de francos por anno, cinco vezes mais (guardadas as devidas proporções) do que na França, sob o regime da concordata. Não ha ainda mil milhões de creditos para os trabalhos publicos e para a extinta; tambem, todo o progress está paralisado, e é colossal o deficit dos illustrados. O analphabetaismo reina alli como antes reinava, tal como na Italia de Set. E sobre 19 milhões de habitantes, mais de dois milhões não sabem ler nem escrever.»

50 milhões de francos para manter na ociosidade a padralhada, enquanto as populações campezanas de Valencia morrem á fome.

50 milhões para o clero, enquanto a instrução publica é tratada da seguinte fôrma, segundo informam ao *Jornal do Commercio*:

«Ha pouco tempo uma estatistica mostrava que a proporção dos que não sabem ler nem escrever na Hespanha era consideravel em relação aos outros paises da Europa.

Mais recentemente, são os proprios jornaes hespanhezes que reclamam contra a falta de escolas na Hespanha.

As crianças não podem aprender a ler e a escrever, explica-se, porque as poucas escolas existentes são anti-higienicas.

Um ministro da Instrução Publica, d. Amalio Giner, deu conta, num trabalho especial, dessas escolas malhas.

Algunas não têm senão uma janella e esta mesma dando para o cemiterio. Outras funcionam á entrada de uma prisão, na mesma sala por onde passamos presos.

Muitas são contiguas a salas de hospital.

Das 429 escolas de uma provincia, 400 não têm agua.

Muitas não recebem ar senão pela porta de entrada. Não são raras as que têm por soalho a propria terra batida. Na propria capital hespanhola, em Madrid, a situação é lastimavel.

Recentemente, *El Liberal* escrevia: «Boa ou má, uma escola é indispensavel e em certos bairros de Madrid as escolas faltam ao ponto que centenas de crianças não sabem onde ir se instruir».

Ultimamente tambem os habitantes de varias ruas de Madrid (Argumosa, Valencia, San Cosme, Lavapiés e outras) se dirigiram a *El País* para declararem que mais de 900 crianças não podem aprender a ler e a escrever porque não existe escola no districto do Hospital.

Ora, si o romanismo faz tanto empenho em se incumbir do ensino, e, si após tantos seculos de dominio na Hespanha, apresenta tão triste resultado, é claro, é evidente, é indubitavel que o clero só deseja o povo ignorante para melhor dominar.

«Embrutececer para dominar» é a sua divisa, cujas infelizes consequências têm sido constatadas em todos os paises catholicos.



As filhas de Ferrer

Trinidad Ferrer

Extrahimos de *La Journal*:

«As filhas de Ferrer foram surpreendidas pelos gritos dos venditores de jornaes que annunciavam a noticia da execução.

Trinidad Ferrer estava em casa, um pequeno quarto de hotel em um bairro popular vizinho ás fortificações. Vacillava entre a esperança e a dor quando ouvindo os gritos dos venditores. Desceu correndo á rua, comprou um exemplar e, apenas leu os grandes titulos do jornal, sentiu um grito e caiu sem sentidos. Foi logo soccorrida.

Após grandes esforços, fizeram-na voltar a si. Tinha nas mãos crispadas o periodico que acabava de comprar. Leu e releu o despacho que lhe annunciava a orphandade, porém não querendo crer na authenticidade da noticia, subiu a um coche e correu toda Paris de redacção em redacção. Finalmente se dirigiu ao ministerio do Interior para saber se era verdadeira sua desdita. Ali não puderam confirmar a fatal nova.

Desanimada a desventurada joven, que está gravida de oito meses, voltou a casa. Achei, uma nova emoção a aguardar. Deu-se de um automovel sua irmã, Paz Ferrer, a conhecida actriz, e se precipitou em seus braços chorando.

Foi emocionante o encontro das duas irmãs. Trinidad Ferrer não pôde suportar mais tempo sua emoção. Desmaiou de novo sendo preciso levá-la a seu quarto onde, presa de alta febre, teve que guardar o leito. Um medico, que foi chamado com urgencia, ordenou absoluto repouso, pois a situação especial em que se achava podia trazer sérias complicações.

Um de nossos redactores teve uma entrevista com Trinidad, que lhe declarou:

«Nosso pai era o melhor dos homens. Apesar de quanto se tem dito é certo que jamais nos olvidou nem nos deixou sem recursos. Não sou feliz é verdade. Trabalho para ganhar a vida. Tenho dois filhos doentes; porém meu pai sempre foi bom para mim e me ajudava sempre que era necessario.

A ultima carta sua que recebi é de 4 de outubro. Nesta data meu pai dizia que não podia ser condemnado, pois era innocente dos factos pelos quaes o perseguem. Desde então não tive mais noticias, porque meu pai estava incommunicavel.

Hontem pela manhã telegraphiei a Barcelona pedindo noticias. Não obtive resposta. Soube da horrorosa realidade pelos periodicos.

Um amigo de Ferrer, que sempre visitava Trinidad, não disse que a desgraçada senhora adorava seu pai.

Ferrer, acrescentou, tinha o criterio de que todo ser humano devia ganhar sua vida. Por isso deixava trabalhar suas filhas, porém não as abandonou e sempre provia a suas necessidades.

Trinidad Ferrer vai processar os que insultaram, em cartazes affixados, em Paris e em Arles, a memoria de seu pai.

«E diante das declarações de Trinidad que ainda virá dizer o *Attestamento* Catholico, forçando novas infamias, sobre o proceder de Ferrer para com suas filhas? E' tão grande o repertorio de calumnias das impressões romanas...»

A LANTERNA

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALVO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

ARMAZEM DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24.

Na Lapa — Salto International.

VEREUNIA SERRA, rua Conde de Raimão, 105.



A Escola Racionalista de Agua Branca, alvejada pela furia jesuitica-policesca do sr. Washington Luiz, que a encerrou brutalmente, expulsando arbitrariamente o seu professor Edmund Rossoni



— Não há que duvidar, foram os anarquistas...
— Caramba! E eu que acreditava serem os proprietários da Casa Almeida pessoas de bom comportamento!

Ecoss e Notas

Dentro da lama

Persevera o *Bi-Hedemador Catholico*, do Rio, na faina inglória de manchar a memória de Ferrer, não contente com a sua morte, pequena vingança para tão grande odio.

Para isso o órgão de que fazem parte Felício dos Santos, professor da Faculdade de Medicina, e Andrade Figueira, o decrepito e carola monarchista, forjador de conspirações, adulterou, traduzindo, tudo quanto se passou no julgamento de Ferrer.

E ingenuamente, parvamente, estupidamente o dito jornal afirma que é muito comentada a EXAGERADA LIBERDADE (sic) de que fez uso o defensor, sem dizer, entretanto, com o revoltante cynismo dos que se debatem na lama, que esse mesmo defensor pediu e não obteve livros da Escola Moderna e só teve 24 horas para estudar uns autos de 600 folhas.

Entretanto o terrível e rancoroso órgão reaccionário teve de confessar, a contragosto embora, que «Ferrer ficou o que foi». Felizmente não foi possível espalhar a mentira de que elle morrera convertido, como tentaram fazer com Carducci e o que provocou o celebre telegramma do grande poeta moribundo: «immutato e immutabile».

Assignalamos, contudo, uma sinceridade do *Bi-Hedemador Catholico*: no cabeço se lê — *O Bi-Hedemador Catholico* é o jornal mais barato do Brasil. Perfeitamente de accordo...

Digno de nota

Um distincto collaborador do *Sertão*, nosso collega de Barretos, applaude a oração do bispo d. José Homem de Mello, na qual esse prelado, rebatendo o sermão de um seu subordinado que applaudia o fuzilamento de Ferrer, disse que a igreja ensina: não matar!

Sem querer indagar se a piedade desse prelado é sincera, sempre queremos ver se o clero de todo o Brasil, que sem excepção applaudiu esse assassinato dando mostras de uma ferocidade e um rancor incriveis, se não fossem manifestados por elle, é capaz de affirmar que o bispo Homem de Mello é cúmplice de Ferrer!

O anonymato

Espreita o facinoroso, occulto, a chegada da victima e mata a tração; o anonymo, sem a necessaria coragem para assumir a responsabilidade do que diz, mergulha na sombra e, invisível, despeja de lá a injuria soez, o insulto vil e torpe, a falta de melhor argumento.

De Bica de Pedra nos enviaram um exemplar d'*A Lanterna* em que um miseravel qualquer, tão ignorante quanto perverso, tapou em grandes caracteres umas phrases pornographicas denunciadoras de uma rasteira educação e de costumes bem degradantes. E o interessante é o que o anonymo se qualifica — «um que não é besta», dando, ao mesmo tempo, pelo que escreve, irrefragavel prova do contrario.

Certamente o infeliz é um typario no ambiente mephitico das sacerdotias, porque, afirma, que si o Brasil fosse a Hespanha, não existiria *A Lanterna*, com o que demonstra, sem querer, o coitado, que a igreja só pode combater a

verdade pelas balas e pela tortura. Para que possam avalliar tudo quanto de mau, de asqueroso, de infame, de repugnante pôde brotar do cerebro enfermiço de «um que não é besta», deixamos em nossa redacção esse numero, para que possa ser visto por todos.

Collaboração

Temos recebido muitos artigos e poesias que a absoluta falta de espaço tem impedido de dar a publicidade. Dentre essas ha algumas que, por terem perdido a actualidade, não convêm seja inseridas; outras aguardam oportunidade, pois não podemos sacrificar os assumptos do dia.

Pedimos a todas as pessoas que nos enviarem artigos o favor de escrever em letra bem legivel, num só lado de papel e, si ussr pseudonymo, dar, entretanto, seu nome para nosso governo.

Tambem rogamos, devido á carencia de espaço, que sejam breves e concisos.

Aos que nos têm enviado poesias, prevenimos que difficilmente serão publicadas, salvo os sonetos, e, pois, preferivel que escrevam em prosa.

Uma ré publica

E' a tal de Jardinópolis, que, no intento de *pegar no bico da chafariz* do tal d. Alberto bispo, escreve que «alguns individuos andaram sujando as paredes de predios e inutilisando placas com boletins anti-clericales».

E' interessante este commentario: «Achamos muito justo que cada um proceda conforme as suas ideias, mas porém, não se prevaleça de *casas feitas* para afrontar quem quer que seja».

Casas feitas é o assassinato de Ferrer, que também assim qualifica a *ré publica* a condemnacão do grande educador; *quem quer que seja* é o bispo.

Saberão dizer-nos onde pára o juizo da *ré publica*?

Concorda em que Ferrer foi assassinado e a isso chama *casas feitas*. Acha que d. Alberto é divino e a elle se refere num *quem quer que seja* tão desdenhosamente como se fosse da *Lanterna*.

Não ha duvid—agua benta apodrece os miolos...

Em o mesmo numero da infame *ré publica* ha vem o d. Alberto qualificado — inconfivel operario... Fússivel é e que se funde. Infússivel é o contrario. Portanto, d. Alberto num forno de alta pressão não se funde nem a mão do deus padre. Que lhe seja de bom proveito.

«S. exa. percorre agora todas as parochias de sua diocese para interlar-se de toda as necessidades de todo o seu povo», assegura a *ré publica*.

Santa ingenuidade! Que se lhe dá, a sua reverendissima e divinal pessoa, que o povo tenha necessidade. Não será para as alluvias que viaja. E a prova são os \$2000 de cada creanga que é chrismada.

Santos ingenuos!

«Diário do Noticias»

Sob a direcção do deputado toro-grandense dr. Pedro Moacyr surgirá, brevemente, no Rio, mais um quotidiano sob este titulo. Já o nome de seu director é uma segura garantia de exito.

O sr. Henrique Marinho é o secretario da redacção.

Pobre marreco

Marreco, o insigne e laureado *lambé-galhates* director da *União Catholica*, jornalista que se publica em Guaratinguetá, ficou medouhamente indignado porque dissemos que a cara dos cardeaes, á falta de melhor applicação, pode servir de escarradeira. Tão indignado ficou o infeliz idiota que revolveu tudo o vocabulario pornographico de seus mestres para achar uma palavra para insultar.

Francamente, tivemos pena. Causou-nos dó o estado a que reduziu o furor. Nuno pensamos que o *Marreco* se magoasse até o ponto de quasi morrer icterico. Mas, se o infeliz, a todo o custo, não quer que a cara dos cardeaes sirva de escarradeira, offereça a sua larga e bronca face de cretino para tal fim. Ficarão os cardeaes em socorro e o *Marreco* poderá ser nomeado, pelo serviço, conde palatino. Serve?

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliuzzi



Primeiras impressões

Estas estupidas criaturas vegetam entre os muros do convento e nada têm de sympathia e de atractivo. Quando com ellas me contendo e com ellas dividia as horas do passeio e do recreio, sinto uma desagradavel sensação que me faz esquecer quanto haja de santo e bello no mundo. Eu creio que os padres existem apenas para fazer desaparecer todo sentimento do coração. Pobre coração humano.

Pela manhã, mal desperto, saio em busca de um pouco de alegria em tanta amargura de vida, mas uma indolencia moribunda se apossa cada hora mais de mim, e meus sentimentos são obtusos.

Muitas vezes me vem a idea de escrever a minha mão rolando lhir-me deste lugar. Penso ás vezes o dia todo, mas o pensar que a vou desgostar, dar-lhe talvez a morte, me detem e acabo fazendo nada.

Nada mais perigoso que o solidão. Ella nos atira á desesperação e, sendo nos furtamos ao desanimo que nos incute, até ao suicidio nos arrasta. Os padres envenenam todo bom sentimento de amor. Oh tormento inaudito! Oh crudelissimos torturadores da alma, como são venenosos os manjares que prepara á sombra dos vossos seminarios.

4 de maio — Creio útil alludir ás confissões que os superiores obrigam a fazer cada 15 dias nos seminarios. Um pouco de mau humor entre os seminaristas, suscitados de pequenos favores ou de illicitas relações de mestres com escolares, é o bastante a decidir os superiores a sotop-los á confissão. Um dia, em que meu pai espirital estava sentado em uma poltrona em minha cella, apellei-me a seus pés diante da imagem de Jesus. Elle, o confessor, compreendeu que desajava lavar as mãos de minha consciencia com uma boa e total confissão e, com as mãos cruzadas no peito, começou:

Deus vos abençoe. Dizem-me todos, todos os vossos peccados.

— Padre—respondi—confessor diminuta fé na veracidade dos dogmas da nossa santa religião.

— Pois não tendes para vossa educação mestres e sacerdotes de elevada e provada santidade? Não recebeis quotidianamente exemplos de virtude christa que vos confirmam sempre mais na verdade catholica? Recordai-vos de que a fé deve ser cega.

— Para quem não cuida de syndicar sobre a origem destes dogmas, escogitados pelos...

— A bocca do sacerdote não pode mentir, e tambem o ignorante pode e deve confiar em suas palavras, que são palavras de verdade.

— Como são verdades os escandalos que pratica aos olhos do mundo, comoquanto revestido de ousadas sacras. Até aqui, por exemplo, temos padres immones e descrentes que não se envergonham de insultar publicamente a Deus e de chamar ao papa *besta romana* em seus parvos poeticos. Si a verdade se tivesse de aprender da bocca do sacerdote ficariam sempre no erro, e duso das provas que alguns mestres que não fazem coizas licitas com os seus alumnos...

Neste ponto o rosto do pobre se alterou e seus olhos scintillaram.

— E poderia dizer-me quizes são esses reverentes que chamais impudicos e descrentes?

— São... o professor da primeira gymnasial... o vice-reitor...

— Basta, basta; são rebulhões do clero: são aquellos que, em

época não distante, desmoralizaram este santo lugar. Tendes mais o que confessar?

— Tenho o peccado da soberbia.

— Sabeis que um acto de soberbia perdeu a Lucifer.

— Rezo raramente e mal.

— A oração conduz ao paraiso.

— E se esforçava em ensinar-me a amar a Jesus, á Virgem, aos santos; elle que não cria e vivia como um padre libertino.

Antes de deixar o confessorio quiz narrei-lhe que justamente naquelles dias haviam sido deplorados no seminario varios attentados no pudor.

— Penai a confessar os vossos peccados e não os alheios — disse-me o digno padre com aspecto severo e solenne.

Dei-me ao pouco compreender que certas noticias não leram em nada a susceptibilidade dos confesores. A immoralidade os deixa indifferentes e os encontra sempre promptos á indulgencia.

PADRE FRANCISCO BIGLIUZZI

O castigo de Deus

«Deus não quer a morte do peccador mas o seu arrependimento» disse, um dia, o galleu do catholicismo chama-se fundador.

Pois, bem, os padres o que querem é a morte do hereje e assim o demonstra, mais uma vez, o *Messenger*, com aquella implacavel sede de vingança que tão bem caracteriza o clero.

A proposito do cruceiro derrubado em Campinas, pelos proprios padres, segundo os mais vevencos indicios, narra esse pamphletico que em Limeira ha muitos annos deus-facto identico, praticado por seis pessoas, das quaes duas ficaram na miseria, duas enlouqueceram, uma morreu de um tiro e uma envenenada.

E affirma o tal jornal que isso foi castigo de Deus.

Revoltou-nos essa torpe exploração da creça ingenua do povo, porque, dado que fosse Deus quem tal fizesse elle estaria em desacordo com o que disse a seus discipulos.

E segundo ensinam os bonzos, Deus não se contradiz.

Arredando do caso Deus, que é afinal um explorado, e que anda tão longe que ainda não pôde ser visto, si aos seus cricellos (l) succederam taes desfechos é licito affirmar que foram clérigos quem, atrozmente os perseguindo, acabaram por assassinar a dois e a levar á miseria os outros quatro.

Assim é que vivem esses parasitas, insuflando no povo fabulas e absurdos e o incitando ao odio, á perseguição, á vin licita de fazerem deus Deus, tão docil a seus manojos, ora um pai que perdona, ora um carrasco executor da pena de Talido.

Podemos tomar a sério esses roupetas?

Pode algum confiar na veracidade do que dizem?

Não. Elles são os apostolos do erro, os propagadores da mentira e a mais perfeita encarnação da hypocrisia!

O cliché que estampamos, da Escola Racionalista, foi nos gentilmente cedido pelos nossos collegas da *Tribuna Italiana*.

Commentando o incendio



— Aquellas labaredas subindo ao céu, irmão, que belleza!

— São verdades... porém faltava alguma coisa...

— Compreendendo-te... mas não percebo... Talvez que mala cello do que empurro, vermos entre as labaredas alguma heroge.

S. Francisco

OU A VERDADEIRA BOSTA DE VACA

A rua do Regente é uma das ruas mais perigosas do Rio de Janeiro. Isto pôde parecer troça, mas não é. Assim como ha homens pacificos e bons perigosos, tambem ha ruas perigosas e ruas pacificas.

E precisamente como succede em relação aos homens, os nomes das ruas estão tambem em flagrante contraste com a natureza dellas; de modo que assim como qualquer sujeito chamado Felizardo ou Felicissimo hade, fatalmente, ser calpissimo e desgraçado, tambem qualquer rua da Harmonia ou do Regente não pôde deixar de viver em constante chintirim e em perpetua desordem.

A razão de semelhante facto não a conhece exactamente, mas tudo me leva a crer que uma tal extravagancia só pôde ser devida á intenção macaca de se divertir com que Deus fez homens e ruas.

Seja porém como for, o facto é este: na rua da Harmonia não se passa dia em que não haja uma desordem e na rua do Regente não ha a minima sombra de segurança.

O pobre incauto, pois, que—aviso aos caplaes—fiado naquella tranquillizador nome do Regente, teimar em passear por essa viella, arrisca-se muito a levar, de um momento para o outro e sem saber como nem porque, uma rasteira que o deita de cangalhas, uma surra que lhe deita os ossos num molho, ou uma facada que, com ella e tudo, o manda de presente ao Diabo.

E', pois, uma rua perigosa a rua do Regente. Mas a que proposito vem isto? Apenas para dizer que passei ha pouco por essa nojeira e satubularia via. E' evidente que para um espirito ordenado e sobrio não era preciso nada d'isso para dizer coisa tão simples; mas como o meu espirito nada tem com a sobriedade e é duma vagabundagem pavorosa — mesmo porque se não fosse não se metia pela rua do Regente — foi mister toda essa proleção.

Passava, pois, como entendido fica, por essa rua, quando, ao descombar duma esquina, dei de cara com o meu velho amigo Luiz Correia Palermo a retorcer, encostado numa porta, as guias implicantes do seu bigode grisalho.

— Olá! por aqui? — disse-me elle logo que me avistou.

E, terminados que foram os apertos de mão e aquellas palavras banais e tantas vezes hypocritas que presidem ao encontro de duas pessoas conhecidas, perguntei-lhe rudemente, olhando em Jerodero.

E tu, tu que fazes por aqui?

O velho, que apontou para o interior da casahola a cuja porta nos achavamos e, com certa ponta de cynismo, acrescentou:

— Cava-se a vida, não vê? Para alguma coisa me haviam de servir os meus conhecimentos pharmaceuticos e a minha longa estada na roca. Nem só os padres e os b. t. carias tem direito á vida.

Era uma casa de ervanorio, o intuito, confuso e desagradavel cheiro que desde a porta se sentia já a estava indicando. Mas, percorrendo a casa com a vista, logo notei que o meu amigo não se limitava, naquella arapuca, ao honesto commercio de ervas medicinas. Entre homoleos e bigogianças de leticia que se ostentavam no meio dos molhos de hervas, surprehendi sobre a porta para o interior, uma especie de nicho, a imagem dum sereno S. Francisco a olhar tomente para quem passava. Aos pés jazia-lhe uma Biblia Sagrada e um Livro dos Espiritos. E aquillo, evidentemente, indicava malandragem!

— Estás intrujando a humanidade, meu patife! — disse eu sorrindo.

Elle não se perturbou. Com seriedade e vigor voltou logo:

— Enganas-te, meu caro. Estou simplesmente cavando a vida. A humanidade é estúpida, que queres? A culpa não é minha. Bem sabes que fiz o que pude para levar-a ao caminho da verdade e da belleza. Não foi porém possível, desatropelou, cancel-me; adquiri sem a convicção de que ella seria eternamente estúpida e eternamente escrava. Agora sirvo a sua burrice. Não o faço, devo advertir, por espirito de philantropia—bem sabes que odeio a caridade—mas é que com os meus esforços para arranca-la ao erro e á superstição havia ficado reduzida a morte de fome. Sirvo, pois, a sua burrice, mas apenas como meio de vida. Faço como os emprezarios de theatro que, depois de se arruinarem

com a representação de boas obras d'arte que o publico despreza, se põem a representar grosserias bozacas, a que o publico afflue freneticamente. E' o caso de Baudelaire, meu caro. A humanidade é como o cão. O cão rejeitara o pão de ló que o sabio lhe havia atirado para ir lambem um monte de escremento que farjara num portal. A humanidade é assim.

A tirada ficou engraçada e substanciosa. O Correia defende-se ariosamente. Não insisti, pois.

— E o negocio vai dando?

— Vai, vai; mas vem dahi; vem de dentro; quero mostrar-te o melhor. Não vás pensando que se possa viver a pagar casa com a randa d'aria d'alguns tostões de ervas.

Penetramos na sala contigua. E o meu espanto cresceu. Muito baixa, acachapada, pequenina, escura, apenas alumada por uma restia de sol que se coava por uma celia de vidro, a casa parecia uma penumbra cheia de melanolia; e exhalava um haffo humido e repulivo. Lembra-vos um subterraneo.

— Aqui está o altar, disse o Correia indicando uma mezinha de pinho cheia de bonecos e bigogianças. Do lado direito destacava-se um crucifixo e o Sr. Christo deitava sangue por todos os membros; do lado esquerdo, uma esquisitissima estatua do Diabo fazia lembrar um fanto grotesco. Entre as duas divindades christas entapinhava-se uma caveira d' dentes brancos e luzentes.

— E' ali, aos pés de Christo ou Satanaz, que se fregues, dappe a quantia destinada á consulta. Eu retiro-me um momento, enquanto o consultante se enche da atmosphera macabra do recinto; cinco minutos após, quando o desgraçado já se achá immerso na ideia que o persegue e na angustia que o arrasta, volto com uma tunica roxa ou vermelha, conforme foi Christo ou Satanaz a divindade escolhida, faço um trejeito deante da divindade e sento-me naquella poltrona.

A poltrona estava ao lado do taborete, mesmo de frente á mesa altar. Da parede, junto á poltrona, encrustada na calça, compunha-se uma caveira pintada de vermelho, com os dentes dourados.

— Eu sento-me na poltrona, proseguiu o feiticiero, e a besta da tenelcidade senta-se no taborete. Fiz isso propositalmente para marcar a inferioridade della e realçar a minha superioridade. E' desse taborete humilde que ella me mostra a sua estúpida alma choramingando os males imaginarios que a sua estupidiz criou. Deus e o Diabo estão subordinados á minha vontade, humanidade estúpida. Eu sou o individuo, o Uno, o Soberano. Qual é o teu mal, besta? Fala! Dos males que Deus ou o Diabo infligem, por elles ou pelos seus numerosos subditos, eu te livrarei, humanidade! Fala! Essas potencias que tu creaste e de que depois te fizeste escrava, besta humana, estão em meu poder, são coisa minha, deves ao meu chicote e ao meu trejeito. Mas, para isso dá-me um bocado do teu sangue — isto é, do teu dinheiro. Na natureza nada é de graça. A vida não dá coisa alguma. Para tudo é mister um esforço. A quem queres que ordene, que imponha, que mande? A Deus ou ao Diabo? Fala!

O Correia inflamava-se. Falava com a unção dos loucos, com a firmeza e sinceridade dos visionarios, dos reitros dos Comovimentos e causou-me medo. Recoei que delirasse, que enlouquecesse.

— Mas basta, homem! Já comprehendendo. E ri um pouco para espalhar a emoção.

— Cancel-me de ser besta, entendes — touz elle já no seu tom habitual. Agora cullamo, exploro ou sirvo—como quizerses — a estúpida alheia.

— Descebrote um singular meio de vida, não ha duvida. E talvez tenhas razão.

E' aqui que eu faço o melhor da féria, podes crer, já tenho fama e vem gente de longe consultar-me, já sou um pequeno Deus. Dentro daquella caveira—proseguiu apontando para a parede—ha um tubo de gaz que eu acendo á hora das consultas. Por meio de um tubo de borraicha e uma pequena bomba que agita o consórgio transformo, quando quero, a pequena luz numa viva lingua de fogo para queimar—ou tostar qualquer objecto relativo ao caso do cliente. E' com essas e outras patranhas que eu heis dou a completa convicção do meu poder sobrenatural. Ah! a humanidade é estúpida e irremediavel, meu caro! Já não creio em nada.

— Voltámos á loja,

FOLHETIM

GOLLIARDO E RATALANGA

O "ASNO" NA LUA
FANTASIA INVEROSIMIL.

Os tormentos de monsenhor

O capitão, a estas palavras, estava para fazer sahir de novo a durandana da banha, mas a recordação da sua electricidade desfez immediatamente toda a sua susceptibilidade militar.

Passeios aereos

— Tendes ainda—acrescentou o lunar—provisões no balão (o mensageiro corre para lá com dois later de asse) e poderes deverais? Ah! Mais tarde mandaremos preparar para vós a comida dos animaes.

O capitão teve outro impeto.
— Dos animaes?
— Desculpe, não queria offender-vos. Nós não comemos, mas existiam na Lua animaes inferiores, que comem como nós, os cães, os bois, os porcos. Para elles temos depósitos de viveres.
Monsenhor conculou-se.
— Desde que se coma, não faço questão de dignidade. O mensageiro voador assim diria, tinha voltado, pondo na herua quanto achara no balão, e nós comemos—um pouco humilhados—no meio da mais viva curiosidade dos assistentes, aos quaes o velho dava explicações, collocando-os, evidente-

mente, num grau não muito lisongeiro da escala zoologica.

— Desculpe—disse eu—engulindo um pedaço de carne de conserva, para prevenir alguma nova fúria do capitão, que estava sobre espinhos, vendendo objecto de toda a curiosidade lunar—que disseis aquelles cidadãos do campo?

— Explana-vos—disse eu—que não poderdes viver nas altas camadas celestes, onde a atmosphera é rarefeita ou nulla.

— E vós viveis nella?
— Certamente! Não temos precisão de ar, ou de oxigenio, para queimar os alimentos no estomago. A respiração é, pois, para nós uma superficialidade, enquanto é indispensavel aos animaes inferiores que habitam a Lua.

Ou que nella estio de passagem...

O velho sorriu.
— Assim—acrescentou—não funcionando as mucosas, o sangue da periphéria não sofre alterações pelo frio, e podemos dispensar os vestidos, necessarios aos organismos menos desenvolvidos.

Monsenhor coçou as sobrancelhas:

— Mas os vestidos não são necessarios somente para defesa das integridades: elles são tambem defesa do pudor!

Os pudores de monsenhor

— Duas ou tres galantes lunares, que seguiam attentamente a nossa conversação, aproximaram-se.
— Amigo Pensamento, que é pudor?

Monsenhor olhou as côradas e estava para recitar-lhes uma pagina de Santo Afonso quando o velho poz um dedo na bocca.

"A LANTERNA" em Jardinópolis

Estamos outra vez às voltas com o famigerado Vinheta, um valente *taureiro* que, por ser tão *taureiro* e tão valente foi expulso das Filipinas, apesar de todas as suas excommunições.

Infelizmente o que foi varrido das Filipinas para o bem daquellas ilhas aboleu-se aqui e entende que em Jardinópolis é elle quem tem o barão e catello.

E tem uma outra viagem á Europa quer fazer.

Ha oito mezes, mais ou menos, foi cobrado o tal *laudemio*, que ha muitos annos não se cobrava. Mas o Vinheta tanto fez que recebeu 12 contos.

Agora houve uma briga entre Vinheta e o fabricante, devido ás contas, e por não ter o padre informado sobre o *arame*.

E o certo é que não ficou nem um dez real porque o cemiterio da fábria está em aberto e os animaes vão ali pastar.

Após ter aqui apparecido *A Lanterna*, de que o Vinheta tem tanto medo quanto o diabo da cruz, diz elle que ha em Jardinópolis muita duzia de anti-clericaes, mas, devagarinho, hade fazer uma limpeza.

Viram só que pulha! Felizmente já não somos do tempo em que o veneno, o puhal e a fogueira mandavam desta para melhor os herjes; e se o Vinheta quer fazer limpeza é preciso começar por si, pois o padre suja e macula toda a parte em que passa.

Esperamos, para gaudio dos leitores da *Lanterna*, que o Vinheta, com suas fanfarrices, ainda nos hade fazer ir á vontade.

E' um toureiro valente, não resta duvida.

(Do correspondente).

CAIXA DE HERES

F. Antunes—Nota—Soua versos revelam sinceridade e enthusiasmo, mas a forma é que pecca. Não não detemos ter muita pressa em publicar as suas primeiras produções. Assim o amigo deve ir se aperfeiçoando até chegar a uma relativa perfeição. E como os versos, hoje, devem ser finalmente trabalhados, é preferivel dedicar-se á prosa. Não se agaste, e se quizer, envie-nos todas as suas produções sem acanhamento, para que se julguemos.

Dr. Sedas—Nota—Sua carta é de uma ironia preciosa e desenhada muito bem o perfil jesusito e baculo do tal Bonroull. O amigo fez jus a mais uma excommunição, o que vale com vezes mais que uma benção.

Até a tal sciencia bolorenta do Historiographo Bonroull fica reduzida a uma expressão bem simples.

E. G.—Rivierito Preto—Para o tal jesuita estamos armazenando material, collidido das cartas que elle escreve na *Cidade*. Aproveitaremos tambem suas informações. Todo jesuita, de balho ou casaca, é isso mesmo.

Adolpho—Nota—E' exacto o que nos diz em sua missiva. Si as bestas tem tanto medo das barbas é porque sabem que ellas são suas honrarias. Tambem se chama *rua de esvástica* aos bestas.

Quattri—Ovarinhos—Sou ultimamente bispo de Nicheany, e respeito de monsenhor Bonroull, deveria ser, no mesmo numero, seguido dos retratos e documentos, sem o que é inconscientemente sua decisão.

Raphael Ferraz—Nota—Aves do rapina, morcegos, eões farnatios, voboras e nuchas cuas mas são os taes mentes de clerico.

Em sua carta o amigo pinta em cores fúteis toda essa corja do ganan-

ciosos e demonstra ser um intransigente intolante.

Muito bem. Gostamos de saber que potencia contar com um tão devotado compadre.

Bate—Nota—Tudo que o amigo diz do W. Sonza, o bonifrate chefe de policia, é exacto. Mas, em que mais culpado é o tal W. Sonza? É nas perseguições que move á liberdade de pensamento e de imprensa, pois que os rombos como o do Fachaia, e as bonhas da Casa Allard não são mais que a reprodução do que se dá em Londres, Paris, Berlim, etc. em que a policia é mil vezes melhor organizada.

Só é passível de censura o socio dandy do Automovel Club em suas perseguições aos operarios e em seu servilismo aos grossos capitalistas.

Veja-se o caso Rosconi.

G. BRUNO.

Para o proximo numero

A tyrannia do espaço obriga-nos a adiar ainda diversos artigos e noticiadinhos, entre os quaes:
— "Renovação da Escola" (continuação) de F. Ferraz;
— Conselho do manifesto academico;
— "O Bandido de Casaca", artigo de Ulysses Martins;

Colaboração;
— Notas, comentários, etc;
— *A Lanterna* no interior;
— O nosso conentio;
— Correspondencia de Ribeirão Preto.
— Como elles escrevem a "historia" (seção de critica aos jornais).

"A Lanterna" em S. Vicente

Em sua viagem de colheita de mi-keis andou aqui o principe D. Duarte Leopoldo, que, segundo o velho costume, casou com uma filha de dez annos casadas no civil, e outras que viviam ansiosas. Isso elle fez para guerrear o casamento civil, mas os baptisados e chrismas, além de outros obulos, recompensaram-lhe a fadiga.

— O Grupo Dramatico dr. Moreira Sampaio levou á scena, no dia 15 deste, o drama *Os Ladres da Honra*, cujo enredo pôe ao vivo alguns dos muitos crimes jesuitas.

Tinhm agora anunciado o drama *Manchas de sangue* mas, segundo consta, os elementos reaccionarios que andam a vegetar nas igrejas, procuram impedir que o proprietario do *Rink* alugue o salão.

Sempre desse modo, buscando fazer pressão, que os carolas apreçam os triumphos de sua religião.

(Do correspondente).

Com a S. Paulo Railway

Em carta que nos enviaram os trabalhadores da plataforma da Estação da Luz, queixam-se do modo deshumano e brutal com que os trata o fiscal Antonio de Sousa Coelho, a mando do chefe do trafego sr. Fidelis.

Dizem elles que si chegam alguns minutos mais tarde são obrigados a trabalhar meio-dia de graça para a Companhia, que é já tão rica, e se não se sujeitam a ser fustigados, de 10 de minutos.

Além de só perceberem 90000 mensaes soffrem elles continuos descontos no ordenado, o que não é justo.

Esperamos que esses vexames serão evitados, pois essa extorsão muito depõe contra os foros de seriedade da S. Paulo Railway.

— O pudor é um preconceito dos habitantes da Terra, especie immoralissima entre todos os seres vivos, que inventou normas moraes para excitar lubricos pensamentos.

— Mas como?!—exclamou monsenhor—pretenderis que cobrir o corpo seja costume immoral?

— Não para vós, pois que o cobrir-lo é uma necessidade determinada pelo clima, mas seloia para nós que a tal necessidade não estamos sujeitos.

A curiosidade destas moças lunares, excitada pela primeira vez, divos si ectou em erro.

— Mas então deveramos nos tornar selvagens outra vez?—insistiu monsenhor desesperadamente.

— Não, disse o velho—não selvagens, mas civilizados. Todo o costume não determinado pela necessidade, é uma incongruencia e uma immoralidade. Desaparecendo a precisão de cobrir-se, faz-lo seria simplesmente immoral, apresentando sob vós artificiosos e com a fascinação das coisas prohibidas aquillo que é natural e que não deve despertar pensamentos impudicos.

Monsenhor ficou profundamente desconcertado com a duvida de que a philosophia afonsina tem necessidade de uma radical reforma.

Tinhm os jantado optima mente, e o naviosinho aereo offerecia-nos o celebre flanco para uma bonissima dige tão.

Aproveitamo-nos delle immediatamente, subindo atraz de nosso guia que nos collocou na aeronave em commodissima posição.

N'ámos logo que todos os meios de locomoção aerea—dos quaes viamos entrecruzarem se sobre e sob nós no espaço—comquanto de fórmias variadis-

simas, apoiavam-se num mesmo principio: a imitação dos voletes, com lemes e remos movidos á electricidade.

A lua a vol d'oiseau.

O balão corria, levando-nos de surpresa em surpresa.

Debaixo de nós, na ampla extensão dos prados e collinas,alhado, em jardins de flora anarvilliosa, os kio-ques de verdura entrelaçados no ferro—habitações particulares—isoladas ou em grupos, e as gigantescas, conquanto elegantes, construções destinadas ao uso publico.

Aquillo que mais singularmente nos chamava a attenção era a fusão intima da natureza e da arte, de modo que se tornava difficil determinar onde cessava aquella e começava esta.

As casas e os palacios pareciam um desenvolvimento racional das coisas naturaes, assim com as solenes florestas, dobrando os frondosos ramos em guisa de galeria, ou agrupando as copas exccelsas em cupula florida, deixavam em duvida si fossem producto do humano artificio, ou si os palacios—tossén germinação da natureza.

Tal era a grandeza e formosura daquellas construções erguendo-se para o céu, capazes de conter no vasto flanco milhares de seres vivos, que cörámos ao pensar em nossa arte, producto fatigoso e fragmentario da pouca actividade terrestre, misero retalho, de tanto tempo e tanta intelligencia consagrados á brutal luta pela existencia material.

Parece que o velho adivinho o meu pensamento, porque disse:

— E' verdade! A civilidade data do momento em que o homem e sua de prover ás necessidades materiaes da vida. Antes desse momento tudo é prehistoricno no genero humano.

(CONTINUA)

Loterias de São Paulo

Quinta - feira, 29 de novembro

Magnifico plano

20 CONTOS

Bilhetes á venda em

todas as casas lotericas

Na Policia Central



— Precisamos acabar com a Mão Negra.

— Nesse caso suicidamo-nos.

"A Lanterna" em Ribeirão Pires

Tambem por aqui tem passado a unha do padre; e é uma desgraça. Onde elle cae, já se sabe; o pobre fica sem um real e o abastado soffre forte sangria.

Agora, sob o pretexto de uns reparos no cemiterio u CURA, que só cura de si, andou a fazer subscrições, com o que, certamente, ainda mais encheu a sua bolsa.

Se o padre tem seu officio, como qualquer outro, devemos obrigal-o a mudar de profissão pois que a sua, que é de mentir e enganar o povo, não pôde ser exercida.

Enfim, vamos ver se aqui, em Ribeirão Pires, tambem o povo abre os olhos e não se deixa espolar.

(Do correspondente).

Na capital

Iniciaremos o mais cedo possivel as conferencias anti-clericas nos arrabaldes de S. Paulo.

Outrosim, prevenimos a nossos dignos assignantes que vamos começar a cobrança na capital.

Aos amigos

Todos os perseguidos, todas as victimas do clero sem entradas, dos governos sem excepções e dos capitalistas gananciosos encontrarão na *Lanterna* tal o apoio e defesa.

Os nossos representantes

São nossos representantes fóra da capital os seguintes correligionarios, que espontaneamente se compromettem a auxiliar *A Lanterna*:

Anapara, sr. José Mendes.
Anicão, Pontal, Pitangui e ramal do Magy Guassi, sr. Francisco do Almeida Rosalho.
Cachim, sr. Anibal Paes, rua Barão de Jaguará, 60.
Itatiba, sr. B. Martins.
Aiba, sr. Olympio Paizão.
Guaratigui, sr. José Muniz.
Santos, sr. Luiz Bezi, rua Martim Afonso, 16.
Z. de, sr. Octavio Maciel.
Rio de Janeiro, sr. Manuel Moscoso, rua Camerino, 140 e João Lemos, rua da Alfandega, 168.
Niteroi, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.
Palmira, sr. Adolfo Ramos.
São João del Rei, sr. Scipione Del Moro.
S. Roque, sr. Credo Negrelli.
Dobrada e lugares circunvizinhos, sr. Pedro Serna Rossi.
Propietario, (Minas), sr. Francisco Assis Teixeira.
Beneath, sr. Domingos Dorsa.
Porto Alegre, sr. Cecilio Dinora.
Jardimópolis, sr. João Zucchi.
Franc, sr. Urbano Peganha.

ESPECTACULOS

Moulin Rouge—Completamente reformado reabriu-se na semana passada esta casa de diversões.

Ainda hontem estréaram as tres Princezas de Liliput e Miss Bessy Law, cantora e bailarina norte-americana, que foram muito applaudidas.

Radium—Continúa a ser o ponto predilecto das familias paulistas.

— Para hoje está annunciado um variado espectáculo.

"A LANTERNA" NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:
Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.
Café CRITERION, largo do Rocio;
Na rua Visconde de Sapucahy;
Na rua da Assembleia, esquina da rua do Carmo, (engraçado);
THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes.

RUA DO OUTEIRO, no salão de engraxate, ao lado do Café Java.

Soffria Atrozmente de Anemia



Restabelecida em Seis Mezes

— COM A —
Emulsão de Scott

"Declaro que tendo uma filha que soffria atrocemente de enfraquecimento geral do organismo e de uma anemia tão profunda que dia em dia a consumia mais, empreguei com o melhor resultado a Emulsão de Scott."
— "Aos seis mezes, a criança ficou completamente restabelecida, forte, robusta e com boa cor, sendo agora a admiradora de quantos a tinham visto no seu estado debil e doente."—
JOSE A. GRANADO, Rio de Janeiro.

O que fez a EMULSÃO DE SCOTT por esta menina, fal-o constantemente por todas as crianças que veem ao mundo com uma natureza fraca e debil. É uma verdadeira Providencia da Infancia.

Exija-se sempre esta marca.

SCOTT & BOWNE

Climax, New York

Aviso

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, não é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar a *Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a recepção hespanhola no Rio de Janeiro.

Magnificamente impressa em papel de luxo, com o retrato de Ferrer na capa, esta polystheica publica artigos e poesias sobre Ferrer e a sua obra; a exposição de principios e estatutos da Liga Internacional para Instrução Nacional da Infancia; notas bibliographicas sobre as publicações da Escola Moderna, etc.

PREÇO VOLUNTARIO

OBSERVANDO

Consta que o sympathico grupinho editor da *Lanterna* de Diogenes, vai accusar os anti-clericales e católicos de terem assado o intelligente innocuo que vai dar um solemne desafio nas burras das companhias... protecloras da industria da combustão espontanea e dos ventos circutuos. E' mais natural que os catholicos intransigentes recorram a uma nova infamia para que se saltem, ainda mais, a sublimidade da religião que professam. Duvidamos, porém, que o povo ceda ao laço que a politica, a cupididade de uma imprensa alcoolizada e sem pudor, amou para justificar, perante a opinião publico, as perseguições que está preparando contra os homens de ideias altas tidas.

O povo já conhece os verdadeiros membros da verdadeira Mão Negra: todos capitalistas, policiaes e voboras, cheios da graça de Deus, patriotas destemidos e... indóveis declarados.

CUM.

FOLHETIM (7)

Avelino Foscolo
O JUBILEU

II

E naquella luta em que o mi-
sero se esbofava como desalmado
tyrannico, não se sabia qual era
mais desgraçado: si a besta aju-
gada á canga, si o homem aju-
gado áquella labor, inspirando-lhe o
ódio.

Tropas cruzavam-se conduzindo
cereales e outras mercaderias. O
tropeiro, mais feliz de certo, pas-
sava cantando as suas *tyranas* na
nuvem do doente, casando-se bem
com a melancolia de em torno.
De quando em vez silava um ba-
silio para despertar os animaes,
batia o arrocho na capa da can-

galha, proseguindo com a sua can-
tarola, improvisada por vezes, in-
correcta e rusticata, mas de uma
poesia encantadora.

— E' a verdadeira felicidade!
— disse Laura designando-o.

— Quem sabe o que vai de ma-
gua embalsada na doce canção?

Canta para atenuar os males,
para amortizar a saudade... —
exclamou o Chagas. Sempre er-
rante, quantos abysmos não lhe
cavam no coração os amores que
vai deixando? Recordações do pa-
z aravam mais no peito a sede
cruciente de gozo e o canto me-
lancolico do tropeiro é a ciza
em que procura abalar o brazeiro
das fúrias.

— Historia! — ajuntou o bacha-
rel. São uns brutos! não sentem,
nem pensam nada.

— A intensidade do gozo ou do

penar—tornou o pintor — está na
razão directa do adiantamento phy-
sico e moral do individuo, bem sei.
Mas uma alma que se desabrocha
na fascinante belleza da canção
popular sofre como artista que é.

— Qual belleza e qual artista.
Ouça lá o que elle canta! — vol-
vou o Seta.

E o tropeiro echou a voz al-
tamente através das campainas:

Vengo rido, rompo mattas,
Vengo deserto também;
Se não destroço a saudade
Que sinto? — e não de alguém.

Fessas d'as, correm anjos...
Morrem prados, morchem flores...
Minha alma que tem saudade
Também morre ao mal d'almos.

— Polvo poeta rustico — pensou
o Chagas — só eu te comprehendo.

— Talvez, no meio desta caravana;
só eu, como tu, proseguindo sem-
pre na perenne romaria, hoje aqui,

amanhã além, em busca da ina-
bordavel Mecca, do desconhecido
gozo, posso medir a intensidade de
tudo melancolia por essas cinzas
de coração deidas como rastró
triste, constantemente, peregrinmen-
te á tua passagem.

E as scenas se movimentavam
já á proporção que abriam a
Central. Balaços passavam com
danzado rezes morosas, arrebanha-
das pelo grito prolongado e ama-
dor dos conductores. A voz vi-
brante, num como ululo intenso,
repercutia nas serras, acordando a
solidão dos campos, servindo de
rebatte aos incantos que palmilhas
se deslavravam.

As mesmas canções im-
provisadas, porém de musica
mais dolente, brotavam-lhes do
peito e eram interrompidas a cada
passo por pragas obrigando as ar-
redias rezes a voltarem á manada.

Os peregrinos deixaram aquellas
vozes nostalgicas, um como silbo
de melancolia, aquellas viajantes
vagarosas na romaria da luta pela
vida, em busca, também, do inac-
cessivel, do mysterioso futuro ap-
parecendo ao longe, aurea miragem
nos rostos sonnos desabrochando-se
na eterna esperança, eternamente
guardada no peito.

III
Penetramos na Central. Media-
vam apenas algumas horas dahi ao
ponto final da excursão.

O expresso já pejado de gente na
primeira quinzena de setembro: os
passageiros de segunda invadiam a
primeira classe, formando mais in-
commoda a viagem.

Laura desceva as vitrinas por
causa do pó e pedia agora ao ma-
rido para abri-las afim de respirar
melhor.

— Queres que te diga? Valia
mais a pena ter feito este pequeno
trabalho a cavalo.

— A questão principal é a co-
munitiva, ficava mal acomodada,
em puto, sem tratamento, ex-
posta a sa ladres. Não sabes o
que aquillo é, filha! — disse o Se-
ta. Penas ser como na fazenda,
do velho!

— Bom sei que não. Mas para
pouparmos os annos ou por pe-
quena economia nos expomos a
isto! — volvou ella, quasi um mur-
múrio, designando a crescente in-
vasão.

A calma tornara-se insupportavel.
Ao pé, ao fundo, quasi maldita,
ao vapor enjovato do carro-mis-se
o cheiro incommodativo da transpi-
ração humana, o letido das ulceras em
putrefacção.

(Continúa)

"A LANTERNA" em Mattão

Em resposta ao sermão do pa-
dre Luiz Salameiro o Centro Es-
pirita distribuiu um boletim em
que desfez as asserções daquelle
padre. O boletim, bem redigido,
com argumentos esmagadores, fi-
cou sem resposta, que é esse o
costume dos taes ministros quan-
do acham pela frente quem não
os poupa.

São sempre assim estes pa-
dres: pregam suas mentiras a
seu rebanho mas evitam a dis-
cussão porque receiam perder a
ascendencia do pastor sobre as
ovelhas.

(Do correspondente).



SERMÃO

SCENA DE IGREJA

... Continuando o sermão:
O que deste pulpo vos fala
não é um S. Vicente de Paula...
(For interna) — Não me atrevo
a dizer a verdade, porque respeito
os meus frequentes: sou uma Santa
Vicenta de Paula...

Proseguindo:
Meus filhos: o jejum é o me-
lhor meio para a abstenção dos
prazeres sexuaes.

(For interna) — Isto nunca eu
dizê a minha bella... criada que,
si na arte culinaria é insuperavel,
de a popular o solo é coelheira...
E não seria estranho que entre
tantas mulheres e meninos algu-
mas fossem meus. Nisto sou, pois,
um tanto incoherente.

Vós penitentes que ainda
tendes de expurgar vossos pecca-
dos, só sereis salvos dos castigos
de Deus se fizerdes como vos digo:
«Dai de comer ao faminto. Dai
de beber ao sedento».

(For interna) — Contanto,
porém, que não vão nessa onda os
frangos do meu galinheiro, os
presuntos da minha despensa e o
vinho gostoso da minha adega.

Alguns pobres de espirito (os
que ganham o reino do céu) tra-
zem-me ao confessorio as suas
virgens filhas, outros as suas ho-
nestas esposas. E entre ellas não
falta quem por mim seja matrici-
da, para me proporcionar prazeres,
ganhando com isso um lugar no
Paraíso.

Ah! eu sou maior que o sr.
supremo... porque sou um ser fa-
zedor de filhos sem pais. E nestas
coisas, com um couro de réis, e
até com menos, tapa-se a bocca a
todos os blasphemos indiscretos que
por ventura surjam.

— Praticai a caridade para com
os pobres desvalidos. Para cada
lagrima dos doentes tende vosso
coração magnânimo e generoso
prompto a aliviar-lhes a cruz da
sua dor.

Vós interna — De boa vontade
eu teria deixado de pronunciar
estas palavras, quando por mais
não fosse, ao menos para evitar
que amanha cedo essa infundada
caravana de famintos e leprosos
me viesse aborrecer com as suas
lamurias.

Mas não ha remedio senão re-
signar-me, o meu officio assim
exige.

Não só Christo ter a sua cruz,
eu tambem tenho a minha: não a
de madeira, como a que tanto les-
suar o pobre redemptor, mas a de

Loterias da Capital Federal
Sabbado, 18 de dezembro
500 CENTOS Bilhete inteiro **36\$000**
Sabbado, 18 de dezembro
Os bilhetes já se acham á venda em todas as agencias

PEQUENOS ÉCOS

ter de pagar quotas a diversos
clubes de protecção ás jvens or-
phãs e aos meninos expostos, gran-
de parte dos quaes é torçoso re-
conhecer que não victimas miúdas
e de meus collegas.

Neste momento algum percebeu
a sua voz interna. O tachygraph
cossou de traçar signaes arabescos
sobre o papel, o qual foi derruba-
do pelos fies torcidos de panico,
que fugiam espavorados.

E' que um proselyto de Baku-
nine tinha gritado ao publico as
rebeldes palavras do grande revo-
lucionario russo: «Nem Deus nem
patria nem amo».

E a este rito um outro deu
uma caçada na corça do reveren-
do orador que o reduziu ao
silêncio.

Assim se destroem as crenças
com as forças da razão e com a
razão das forças.

P. U. RUIZ.

Em Sorocaba

Recebemos dessa cidade o se-
guente cartão:

Sr. redactor.
Realize-se aqui, como em todas as
cidades civilizadas, a festa denominada da
bandeira. Foi ella promovida pelo illu-
trado nobre sr. Luiz de Campos, director
do grupo escolar. A concorrência foi se-
lecta e o brilhantismo seria unico, si não
fosse o que abateu vossas esperanças.

Depois de alguns hygnos, etc., tomou a
palavra o professor Abilio Marques, moço
intelligente, não ha negar, mas que, ao
vez de manifestar firme ao encargo a
que se submettera, qual o de traçar o pa-
negram do nosso pendulo, do seu valor,
da sua necessidade, em fim, fugiu ao
assumpto verberando os fundadores da
escola moderna, os livres-pensadores e pre-
gando a sua religião, a catholica, com
ares de capuchinho em rendosa semana
santa. Falasse sobre a bandeira, estava
direito, mas nunca procurasse abusar da
nostra bondade de expectadores rubendo
phrases no colorido do verso, ou na en-
cheirola fonte dos Riquettes, para in-
pugnar a «utilidade» do religio que
envergure a historia e que, no Brasil,
em nome do mesmo Deus que só sabemos
de amor, gerou um Anchieta, o monstro
catholico que mandou trucidar Boté,
o genio ativo da razão! Não sr. Abilio,
venha pelo terreno dos factos, pela logica,
e vamos ver se a festa da bandeira tem
algo de ver com a religião de que sois
adepto! Sr. redactor, affi ahi o meu pro-
testo. — Sorocaba, 21-11-09. — Um
astreiro, mo livre-pensador.

Um professor que se rebella
contra a Escola Moderna e acci-
ta e celebra uma bandeira posi-
tivista, que até aqui a igreja não
foi reconhecer devido ao lema —
«Ordem e Progresso»!

Para um professor carola essa
mostra de illustração (!) e cohe-
rencia vai muito bem.

E' que o gajo acompanha sua
igreja que, nos tempos modernos,
procura sempre estar ao lado do
mais forte, embora os dogmas se
esborcemo...

Solicitemos instantaneamente de todos
os companheiros o envio de nomes de pes-
soas que provavelmente assignarão *A Lan-
terna*.

Hotel Central — Recebemos uma circular
do sr. Castano Benediti, que nos informa
ter este senhor proprietario do Hotel
Central de Uberlândia, reformado e melho-
radissimo, e que se estabeleceu em
de modo a tornar o preferido de
quantos visitam a cidade mineira.

Gratos pela communicacão, desejamos
ao sr. Castano Benediti *boni affari* e
quintidini.

Padre malcriado é covard — Em carta
dirigida ao *Correio de Curitiba* o sr. Oci-
vio Ramos queixava-se de ter sido insultado
pelo vigário Felipe Alonso, que lhe exi-
gia a devolução de uma missa, já entregue
a consagração do tal sacerdote.

O sr. Octavio escapou de ser victima de
um agredido, pois o padre Felipe tinha
junto a si um collega e um grande cilo-
o unico que não o amesquou nem insultou.
Além disso, esse padre é acusado de
insultar aos parochianos, e tem até pro-
vado escandalos com senhoras casadas.

Um conselho ao sr. Octavio: abandone
as manhas da padalada e aliste-se no
rol dos homens livres.

Lej. — Recebemos a para assistir a festa
com que essa respeitavel Lej., de Campi-
nas comemorou seu 42 annuario recu-
bem um amavel convite de seu secreta-
rio Ulysses Leij.

Lej. gratos.
Liga Gararia — Inaugura-se amanhã, em
Sorocaba uma Liga Operaria, dividida em
muitos grupos, que se acham possuidos
de muito entusiasmo.

Fundada sob os melhores auspícios esta
Liga traz grandes vantagens ao operário
da adiantada cidade.

Para fazer uma conferencia nesse di-
seguido de S. Paulo um conhecido orador,
que assim attende ao convite que lhe di-
rigiram os fundadores da Liga.

"A LANTERNA" em S. Roque
Pelo visto, temos em S. Roque
do S. Roque, um pouco mais
moderado, é exacto, porque já lhe
não é possível torturar o queimar só
res humanos; mas nem por isso
deixa de ser o S. Roque, com as
mesmas formalidades a que não
falta a fogueira — a arma da igreja
para converter e dominar.

Os salesianos andaram aqui a
pregar a santa missa e, por meio
de ameaças terribes e espantosos
anathemas, conseguiram, principal-
mente das mulheres, a entrega de
livros, taes como a Biblia, folhetos
espirituas e prototextos, romances
e postais illustrados para os lançar
á fogueira, o que fizeram.

Foi a 7 de este mez, domingo,
que os taes parasitas salesianos
queimaram os livros hereticos,
porque, diziam os mentirosos, com
as chamas purificavam as almas
dos farselleiros. E' só com o fogo
que elles purificam, os tratam.
Desse modo elles deveriam ser os
primeiros a ser queimados.

Foi um verdadeiro acto inquisi-
torial que, se não foi vaiado, foi por
uma medida de prudência.

Entre algumas cartas, capas do
Novo Testamento e duas Bibles
imprestaveis, achei uma estampa
do Coração de Jesus, que os pa-
tres não querem queimar.

Os proprios catholicos reprova-
ram tanta intolerancia.

A's 5 horas e 25 minutos da
tarde, foi erigido no alto de um
morro a grande cruz, e, ao mesmo
tempo, os salesianos aqui estiveram
torquando o povo crendeiro e in-
genito.

Estando chutando o cruzado, um
dos padrores fez um sermão em
linguagem claudicante, arrezeada,
terminando por um *viva* ao sym-
bolico e ao clero, que foi corres-
pondido por alguns *morras*.

Tivemos, numa palavra, em S.
Roque, uma scena da inquisição.
Si não queimaram hereses é por-
que não puderam; que a vontade
não lhes faltou.

DO CORRESPONDENTE.

Bilhetes e recados

Rio — Moscoso: Recebi os 16\$500. Agra-
do o numero unico. O Gallo agradece os
seus votos — Juazeiro: Mandei os
sobramos que ha-lhe — Meta: Estimamos
sua melhora. Alternos o endereço. Saúde.
Obrigado pela lembrança. Costa 18 — A.
R. Magis: Permutaremos — Ulysses: Sem-
pre o mesmo, hem? Publicaremos.

Santa Anna de Itapicury — H. D. Nascei-
mento. Recebemos os 10\$000.

Campinas — Olivar: Muito bem! E' pre-
ciso impedir. — A. Pace: Registramos o
novo assignatario — F. de Riga: Seguiram
nos 20 numeros. O jornal tem segui-
do com regularidade. Recbi o jornal.
Saúde — F. Ferrer Bueno: Jornais apre-
ciaremos. E' neste numero alguns por-
centos.

Lorena — F. Just: Recebemos e sahira
logo que seja possivel.

Santos — L. Santos: Recebemos e senti-
mos não poderemos publicar. Temos re-
cebido tantas vezes que é impossível inserir
todas. Excuse por isso que é preferivel.

Ribeiro Preto — F. Bahia: Está bem
mandaremos 40 exemplares. Sauda-
ções.

Abadia de Dourados — Dr. O. Paranhos:
Enviamos um pouco e registramos seu
nome. Saudações.

Rio — J. do Paraiso — B. Thomas: Fir-
me a transferencia de sua assignatura.
Saudações.

Jardimopolis — V. Taché: Recebemos a
lista de assignatarios. Agradeçamos — Taché:
Breve assignatario a conferencia. Saudações.
Francinha — J. Alamy: Mandaremos
pacotes ás pessoas indicadas. Não ha in-
conveniente: pôde vir no principio do
mês. Saudações.

Botucatu — F. L. Ribeiro: Enviamos os
30 exemplares. Agradeçamos o seu inter-
esse e a indicação. Saudações.

Pratzenburg — Dr. D. Jardim: Lamen-
tamos a sua resolução, em todo o caso,
nos poderamos conduzir ahi. Saudações.

S. Vicente — M. Barcala: Enviamos os
30 exemplares. Agradeçamos a informação.
Saudações. Póde ser nosso agente?

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e corre-
spondentes que enviem cartas, dinheiro, va-
les, e tudo quanto concerne á administra-
ção do jornal de endereço a corresponden-
cia ao administrador *A LANTERNA*,
EDGARD LEUENROTH.

O endereço é: LARGO DA SE, 5
(sobrado), e não caixa do correio, como
por engano sahi.

Pedimos aos amigos que desejam acce-
tar o cargo de representantes *A Lan-
terna* em qualquer localidade do Brasil a
finez de nos escreverem, com urgencia, pelo
que ficaremos imensamente gratos.

Aos nossos assignatarios e leitores roga-
mos o favor de, quando fizerem encomen-
das aos nossos assignatarios, citarem
A Lanterna como o jornal onde encon-
traram a *rectura*.

A Lanterna accella e publica denuncias
contra o clero e contra toda e qualquer
autoridade, desde que o facto seja veridico
e não seja passivel de formal desmentido.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos
conveniente que os artigos de opinião
signados são de exclusiva responsabilidade
dos seus autores, salvo expressa adhe-
são ás ideias por elles expostas.

Segundo a orientação moderna da im-
prensa independente, queremos que o nosso
jornal seja uma tribuna de livre discussão,
por uma investigação sincera da verdade
e como um eco ás aspirações do nosso
tempo.

Solicitemos de todos os amigos e leito-
res, como o fim de tornar mais vasto o
radio de acção *A Lanterna*, que nos en-
viem a qualquer localidade de crimes e
patrias, resoluções, cortesias do
jornal, como não deveriam nos enviar
assim como a data e o lugar em que se
publica.

Am de facilitar a aquisição de obras
literarias, scientificas ou de propaganda,
em prelo, pedimos a todos os estrangeiros
mediante pedido acompanhado da impor-
tancia, sem commissão alguma.

Para isso publicaremos breve um an-
uncio.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de
receber assignaturas, por intermedio d'uma
redacção, para as seguintes publicações:

L'Ecole Renouée

Revista quinzenal fundada por Francisco
Ferrer, destinada á exposicão das novas
tendencias do ensino e á propagação dos
melhores methodos e principios.
Redactores: Charles Albert e Maurice
Duliois — 61, Rue du Cardinal Lemoine,
Paris (V) — Assignatura annual: 3\$500.

VOZES — Depois do assassinato de
Ferrer, que fazia falta á maior parte dos
castos desta publicação, *L'Ecole Renouée*
tem a vida menos segura e depende do
numero de assignatarios. Todos aquelles
que querem honrar a memoria de Ferrer,
contribuindo para a continuacão de sua obra,
tudo os professores estudantes e amantes
da pedagogia nova e da sua propria mis-
são, concorram com o seu esforço para a
vida desta revista assignatarios.

Les Temps Nouveaux
Revista quinzenal sociologica, com um
supplemento literario. — Director: Jean
Grave. — Assignatura annual: 3\$500.

La Guerre Sociale
Semannario revolucionario. — Redactor
chef: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5\$500.

A Sementeira
Publicação semanal illustrada de critica
e sociologia. — Livros.
Assignatura annual: 2\$500.

A Vida
Hefdomadario operario. — Porto.
Assignatura semestral: 1\$500.

Internacia Socia Revue
Revista mensal em esperanto, dedicada
ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2\$500.

A venda nesta redacção:
O Clarão
Publicação eventual racionalista. — Porto.
Cada exemplar: 100 reis.

Subscrição pré-Lanterna

Do nosso amigo do Santos, Leon-
idas Cortez, recebemos a seguinte sub-
scrição por elle promovida:

Lista de subscrição voluntaria en-
tre aquelles que temiam a verdade.
E' em prol *A Lanterna*, o vi-
goroso organ de combate, que em S.
Paulo, ha tratado e combaterá a hy-
pocrita em seu fragil pedestal:

Carlos Borges, João Figueira e Leon-
idas Cortez, 15 cada um; Praxedes
Nascimento, \$400; Antonio Pinto, An-
gusto Gonçalves, João Zeferino, Ba-
lario Esteves, Vidal dos Santos, F.
Baltazar, Alexandre Gonçalves, Cleo-
rinda Paula, Cassiano Rios, Miguel de
Souza e José Manuel da Silva, \$500
cada um. Total, \$3500.

Use constantemente
Declara assim o illustado medico do
Rio de Janeiro uma attenção dos
ars. Scott & Bowne sobre a Emul-
são de Scott:

«Atento que eu minha clinica tenho
feito um constante uso da Emul-
são de Scott, particularmente entre
as crianças, sempre com os mais van-
tajoos resultados».

DR. ABEI. M. DA GAMA E SILVA.

SOLITARIA

Expelle-se, sem perigo e facil-
mente, a *Ankylostomida*
Phillip's n. 1. — Drograria Ber-
nini, rua Hospicio, 18 — Rio.

Retratos de Ferrer

Um amigo pôz á venda em nos-
sa redacção, ao preço de 28, di-
versos exemplares de uma boa pho-
tographia do grande martyr.

Agua inglesa

A melhor é a de Nascimento
& Francesconi. — Drograria
Bernini, rua Hospicio, 18 — Rio.

Joaquim Marques Rolo

Este senhor, morador em Catag-
nes, Minas, em sua immigração,
é promovido por A. A. A. Rodrigues
Magis, residindo no Rio, á rua do
Hospicio n. 166, Federação Operaria.
Como não seja sabido o seu pa-
rati, riga-se a transcripcão d'isto a
todas as collegas.

Opilação

Curar-se radicalmente com o

Ankylostomida Phillip's. — Drograria
Bernini, Hospicio, 18-Rio.

Vermouth, 400 réis

Chop e sandwiches, 200 rs.

Vinho Barbera e Toscano

Ponco Toscano, 200 réis

No CRITERION BAR

2 — Largo do Rosario — 2

Tuberculose

A Antituberculina Nascimento
produz excellentes resultados.
Drograria Bernini, Hospicio, 18-Rio.

Motores

a vapor, de 8, 12 e 18 cavallos,
na FUNDICAO DO BRAZ.

F. AMARO

Rua Corrêa de Andrade, 20

Bronchites, tosses, etc.

Curam-se com o *Expecto-
bronchico*. Drograria Bernini,
rua do Hospicio, 18 — Rio.

Professor

Um engenheiro, com longa pratica de
ensino, prepara alumnos para as Escolas de
Comercio, Normal, Polytechnica e Map-
pante College e dá aulas practicas e theo-
ricas de algebra, cobrando apenas 1\$